

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## As revoluções necessárias

Uma frase do senhor Teixeira Gomes — Onde se relembram os quatro grandes movimentos do mundo — Os reis factores de filosofias — Os males de 5 de outubro — A queda do protocolo

Discutiu-se muito uma frase do senhor presidente da republica, na qual se tratava das «revoluções necessárias.» A' sua volta passaram comentarios azêdos, surgiram erriçamentos e degladios; eu proprio arqueei o trecho, sem o comentar, tal qual ele me chegou, no dia seguinte ao da sessão da Universidade Livre. O que é para admirar é eu estar de acôrdo com o sr. Teixeira Gomes, homem de letras, em discussão com o sr. Carneiro de Moura, jornalista, ou, por outra, esmagando com o seu conhecimento de Anatole, a citação, por aquele senhor mal interpretada.

Não ha duvida. Tem razão o sr. Teixeira Gomes. Ha revoluções necessárias. Sem elas o mundo estaria ainda na sua forma inicial e nem teriam surgido as cousas belas, se numa formula eterna se fixasse o orbe. Revolucionar é mais do que agitar, é civilisar e a Justiça — essa palavra que se arvora como um pendão, a proposito de qualquer ambiçãosinha ou pretensão, não resplandeceria sem esses arrancos das almas mais que das armas, que se chamam revoluções e são, antes de tudo, indignações bem humanas, estremecimentos de espiritos, antes de serem charcos vermelhos.

Quatro revoluções formam os periodos das transformações do universo: a de Spartacus, a de Christo, a de 1793 e a da Russia.

Spartacus, gladiador, carne de divertimento de uma sociedade exploradora dos escravos, gosadora e cinica, ao erguer o seu gladio, ao arrastar os seus companheiros para a revolta, ao sofrer a morte, enquanto seis mil crucificados gemiam na Campania, além sob o toldado azul do ceu primaveril, foi o simbolo augusto, forte e formoso do protesto dos humildes contra os exageros e os tripudios dos grandes. O que ele pré-

gava, num arranco, 62 anos, depois, um doce e calmo rebelde o devia dizer, em nome de Deus, e por suas palavras morrer, deixando nos corações um perfume de carinho, de ternura, de bondade e de renúncia aos bens da terra, com a mira alta num futuro de venturas no Alem. Para ele, para esse terno gladiador da palavra, também se ergueu uma cruz. Eis revoluções necessárias: as de ambos.

Mas triunfante, a Igreja do Nazareno, glorificada, subindo com suas pompas e galas ao máximo de domínio, chegaram os formidáveis abusos e tudo quanto se proclamara, em nome dos mesquinhos, parecia tornar-se em regalos dos grandes e, novamente, um frei, excomungado por schismatico, pretendeu voltar á simplicidade da religião. Podemos não amar o que succedeu depois, as lutas por uma cruz simples e as contra complicações dos rituais, mas sentimos que esse monge alemão, querendo despedaçar os seus ferros, mostrou mais jungidos, mais fortes e mais inabaláveis os sedimentos da grande Igreja, da qual saíram os sábios, os pensadores, os artistas mais animados por esse fragor de combate. Os tempos decorrem, e as multidões continuam o seu viver mesquinho; as classes superiores, as aristocracias mandam; o nascimento prepondera, e, embora nas almas dos castelões, já haja um fulgor piedoso, e de muitos feudais nasçam santos — as da renúncia ao poderio — imagina-se quantas milhares de inteligências de filhos da plebe não se perderam, porque sua vinda ao mundo não se fizera com as praxes exigidas pelos armoriais e chronicons.

Suponha-se o possuidor dum cerebro, no qual tumultuasse o genio da poesia, batendo rãs nos lagos para se guardar a paz enquanto os senhores — ás vezes estúpidos — dormiam!

Com este exemplo milhares deles se podem conceber e tantos que um dia os proprios reis foram os primeiros a reconhecê-lo. Embora aos inimigos da revolução franceza pese o que vou escrever, a verdade está na minha afirmação de ha muito feita: os soberanos foram os seus iniciadores e não se julgue que desejo apontar seus delictos como montões de explosivos, promptos para o incendio num dado momento. Não. A revolução safu dessas almas reais. Quando Luiz XIV colocou Molière á sua mesa, onde a nobresa não tinha lugar, aplainou a primeira taboa do patibulo de Luiz XVI, quando Frederico II tratou Voltaire como igual, o gume do instrumento afiou-se; Catarina II ao confessar a sua admiração por Diderot e José II, ao enaltecer os filosofos, foram os geradores da grande revolta. Apadrinhavam as teorias da egualdade, pelas quais devia pagar inocente, no meio do tumulto e do pavor da desordem dum mundo novo, um dos seus, um rei de sua raça e de sua estirpe.

Do fundo desse terror, que afogou os principios para logo se germinarem, quando a paz chegou, semelhante ás sementes arrastadas pelas pelas inundações e que vão florir e fructificar longe, por toda a terra onde se detem, renasceu uma vida.

Sem essa revolução necessaria, aqueles plebeus que a condenavam, em vez de serem hoje advogados, militares, diplomatas, não subiriam, embora luzissem talentos, da esfera que o seu nascimento lhes demarcasse e quando nos seus livros passassem periodos audaciosos, teriam a espera-los os carcereiros, os patibulos, as fogueiras: o castigo do pensamento.

Naturalmente o senhor Teixeira Gomes seria um negociante de figos no Algarve, falhada a sua vocação para o sacerdocio, onde militou, deixada a levita de seminarista pelo commercio.

Até ao fim do mundo hão de falsear-se as ideias. Uma pleiade de filhos dos antigos caseiros, feitores e mordomos da nobresa tomou o lugar desta e uma burguesia inclemente e feroz, unida pelos casamentos de interesse, prégando a cruzada do dinheiro, bateu-se contra os que não o alcançavam. Foi ela a dominadora, desde 1793 até hoje. A dignidade humana ganhou, mas a egualdade humana não existe ainda. E' certo que o homem, o servidor, já não traz, como no tempo de *Spartacus*, a golilha de ferro, na qual se lia: pertença a Cassius, a Felisario, a Lydia, mas ainda reluz na cabeça e no peito as designações do amo que lhe paga: Grandela & C.<sup>a</sup>, Banco de Portugal, Companhia Nacional de Moagem.

Deflarou-se, na Russia, uma nova revolução, a ultima que definiu razões sociais, e, se o seu entrechoque foi barbaro, ao assassinar a familia imperial ao supliciar ao acaso, tambem do seu levedar procedeu a queda dos que, sem produzirem, gosavam fortunas imensas, propriedades territoriais do tamanho de provincias, regaladamente, em Paris, em Londres, sorvendo o trabalho alheio. Poderá não ter modificado cabalmente o sentimento social, pois a desigualdade mantem-se, mas—esta é que a verdade absorvente—distribuiu mais equitativamente, a terra e a riqueza. E é por isso que aquele marquez, descendente dos cruzados, ao ouvir, num salão de Paris, a indignada imprecação dum banqueiro contra Lenine e seus sectarios, sorria, até que seus labios, em definido riso, se se abriram. E ri, senhor marquez?

Esta é a letra da revolução de 93. Foi o que seus antepassados fizeram aos meus e o que o *chauffeur* amanhã nos fará a ambos!

Eu não sei se o senhor Teixeira Gomes quiz resumir tudo quanto aqui fica dito, nas palavras que pronunciou. Ninguem, por sua conta, claramente, o veiu dizer; todavia, *O Seculo*, mostrando-se instruido das ideias do chefe da republica, declara que ele se podia ter referido: à revolução de 5 de outubro, como a uma das necessarias. Se assim foi, o escriptor Teixeira Gomes tem o criterio dum pobre mercante do Centro Almirante Reis. A revolução de 5 de outubro não trouxera a Portugal, nem a liberdade, porque a monarquia era mais prodiga dela, e tanto, que por a espalhar, deixa-la chegar ao exagero, se suicidou; em relação á egualdade, não se viu nunca o que se pode capitular de subversão: os afeitos aos negocios escuros, os plutocratas, os candidatos do roubo legalizado, esmagando os honradas, os dignos, os trabalhadores. Em vez de egualdade, mesmo diante da lei, ela só trouxe a desordem e a balburdia.

Dentro do regimen passado, podiamos chegar, até á fraternisação. Havia uma bondade inata, a miseria era menor, o carinho vivia nas almas e a rainha D. Amelia deixou aqui a sua fortuna em obras de caridade. E agora, onde está a grande dama da republica que dê um passo para os pobres? Necessaria a revolução de 5 de outubro? Só se foi para nos dar a proclamação violenta dum estado inderminado em que a furia de matar brotará espontanea, diante das dificuldades correntes da vida amarga da maioria dos portuguezes. Só se ela foi o *hors d'œuvre* desse repasto de sangue, desse regabofe de chacina, que já principiou pelos seus fundadores.

Naturalmente, o senhor presidente da republica pensa o contrario, mas faz mal. Sem aquela revolta estaria menos rico e menos prospero, mas teria mais tranquilidade e melhor futuro. Em todo o caso, ele tambem ez na Universidade Livre a sua revolução. Demoliu o protocolo.

## A morte do sargento Rufino

Sempre a evocação do sangue — Os carcereiros republicanos da morte — Um assassino premiado — Os clamores d'«A Tribuna», — Justiça por igual!

O órgão democratico portuense, *A Tribuna*, donde sermoneia o dr. José Domingues dos Santos, clama, ante o assassinio de um dos seus apaniguados, que não pode estar à mercê do primeiro sicario a vida dos honrados cidadãos. De acordo. E' mesmo necessario que se punam, duma maneira exemplar, padronica, todos os criminosos. Podiamos começar pelo matador de Sidonio Pais que anda lá por esse norte vivendo regaladamente do que os democraticos lhe dão. Eis uma campanha para o jornal que clama, cheio de justiça, de razão e de colera, contra a morte violenta do seu correligionario.

Um dos dedicados amigos d'«*A Tribuna*» é o sr. Gomes dos Santos, que foi comissario de policia, a seguir ao 13 de Fevereiro, á queda da monarchia do norte e naturalmente abunda nas ideas ali expressas acerca do castigo de vilezas, no que de resto concordam os que não apadriñham infamias.

Neste caso é bom recordar um episodio dramatico do seu periodo de comissario de policia portuense.

De quando em quando, a pretexto de quaisquer transferencias solicitadas pelas razões mais extravagantes, conduziam-se os presos monarchicos, sob escoltas minguadas de cadeia para cadeia. Isto fazia-se de dia e com aviso previo aos grupos civis de que andava sempre pejado o edificio da policia. Os *bons republicanos* iam vingar-se com insultos e escarros, da sua calada de um mez. As cousas chegaram a tal ponto que o proprio ministro da justiça deliberou ir ao Porto inquirir dos tormentos inflingidos aos encarcerados. Chamava-se Antonio Granjo, esse ministro; era meu amigo de tu, e foi assassinado tambem pelos *bons republicanos*. Diante do comissario de policia o honrado politico escutou as declarações dos presos espancados. Houve quem apontasse a autoridade de culpada nas aggressões, não porque soubesse quem batia nos vencidos, pois os algozes eram homens mascarados, mas por terem a certeza dos nomes de quem os mandava lategar essas carnes indefezas.

Granjo colheu odios dos amigos da demagogia que reinavam na cidade do trabalho, da honra e da dignidade, turbada por uma centena de energumenos que quando não tem adversarios para sacrificar, se

matam entre si como succedeu a Militão Barbedo, cujo fim é ainda inexplicavel, e a outros, aos de hontem e aos de agora.

Foi larga, mas precisa a explanação antes de se narrar o episodio abjecto a que me reportei.

Como ia escrevendo, as tranferencias dos presos sob motivos futeis, eram constantes e a algazarra, as vaias, as aggressões succediam-se.

Um dia, mandou-se meter entre dois soldados, que o deviam defender duma turba, o sargento Rufino. Ao verem-no impavido, fixando a multidão excitada, apenas lhe atiraram insultos, depois expeliram escarros e as habituais escorrencias dessas bocas fanaticas. Quando voltou costas, uma bala feriu-o, por detraz, cobardemente, infamemente ante o clamor da malta. Apontou-se como autor do crime certo marujo, que recebeu em troca felicitações. Foi o que se espalhou no Porto; é o que narram aqui a meu lado, amigos em quem confio. O marinheiro, producto dessa excitação demagogica, infecta e vil, que os chefes de partido ateiam de tal sorte que basta a presença do senhor Afonso Costa para rebentar a desordem, matou. Passou a ter um emprego publico. Depois, como o homem não estivesse bem naquele logar, deram-lhe outro de mais responsabilidade.

Rufino desceu á terra do Repouso e o seu matador galgou na vida. Como bom marujo trepou.

Perguntar-me-hão, agora, as razões porque não foi preso, ao menos para averiguações, esse indigitado assassino ou que, pelo menos, toda a gente do Porto tinha como tal? Inquirirão de minha pessoa porque não o interrogaram, não o investigaram, não vingaram o pobre preso, tão cobardemente assassinado? Seria natural e seria, acima de tudo, a justiça em acção.

Se foi indicado o nome dum criminoso, porque não o capturaram?

Porquê? Porquê? Porquê?

Eu não sei. Apenas me asseguram que eram, então, governador civil do Porto e commissario de policia, os srs. drs. José Domingues dos Santos e Julio Gomes dos Santos — que Santos estes! — quando se perpetrou a morte do meu correligionario Rufino. E elles, que tão fortemente pedem justiça, ante o crime que vitimou o seu amigo, já agora, em nome da egualdade, solicitem-na tambem para ser preso o matador do meu.

## Requerimento de Roberto, fantoche, aos seus amigos de ministerio

**Aspirações nacionais e dos "Fantoche",—Como o meu colaborador conhece os ministros — A ingenuidade do pretendente—Os requerimentos a diversas pastas — Desilusão que o aguarda**

Roberto, fantoche dos *Fantoche*, é português de lei. Se o duvidasse, bastava tê-lo ouvido hoje para me certificar. Mal viu em riba o ministerio entrou a encher requerimentos. Não é que lhe repugne a designação de Balkans, aplicada ao Calharis, mas tomou-se do habito de solicitar daqueles que algum dia viu mais de perto, ao sabe-los guindados à governação. Ele é o articulado que se mete por toda a parte, que tudo escuta, que conhece os meandros das mais complicadas questões, e, entre um sorriso vago, misterioso, de quem sente uma tormenta no ar e o modo grave dum pretendente, pôs-se a recordar «ter amigos no ministerio» e a defini-los e a apoquentá-los.

Ao presidente do conselho conheceu-o na loja do Caldas Cordeiro —um cenaculo sito onde o alfarrabista-literato soltava as suas *boutades*, Armando da Silva, os seus apropsitos, Teofilo Braga, suas acerbas criticas e o sr. professor Ginestal Machado, os seus doces comentarios.

Abacial, corpulento, como alguma cousa da egreja e dos conselhos da corôa, apesar das tendencias republicanas moderadissimas, chá de tilia, dedicado a Camacho, é o primeiro a quem Roberto apresenta a sua petição, baseada nas palavras que lhe ouviu no Centro Reconstituente, porque o boneco atrevido frequenta essas casas. Parece que prometeu a punição de todos os culpados e, com a saude e fraternidade, o que se requer é a prisão do assassino de Sidonio Pais, protegido por um membro do partido democratico de Amarante, antigo governador civil.

Posto isto, é para a figura mais valiosa do ministerio e mesmo da politica republicana portuguesa, que o meu fantoche se volta a tratá-lo de amigo. Calcule-se: Roberto de braço dado com Cunha Leal! É que recorda as amargas horas da batalha contra o afonsismo nas redações do acaso que Machado Santos arranjava, as torturantes angustias, as dores e as lutas acesas, no intervalo das quais sempre havia tempo para uma boa risada e um bom copo de vinho.

Depois o sidonismo; a acção do engenheiro Leal no ministerio dos

Abastecimentos, as suas reformas nos caminhos de ferro, que levantaram contra êle toda a gente e o fizeram trambulhar sob o olhar irritado de Roberto. Seguiu-se Santarem; estiveram num desacôrdo, de armas na mão para se abrirem os braços mal se encontraram. Fiquei pasmado; ignorava estas preferencias de Roberto, que saltita e declara, perentorio, como nunca o vi: aquele representa no ministerio, e em toda a parte, a si proprio. Moreno, quasi abaçanado, num tisne de moiro, o cabelo enlanado sobre a testa, encorpado, desde ha uns anos, desdenhoso, unico, tendo no apelido um simbolo—esse orador—porque o é de verdade, acrescenta às suas qualidades a valentia. Nessa conformidade, Roberto, que assim o apostolisa, espera, alem duma divisa cambial decente, canalizada para se respirar, a acção energica capaz de meter na ordem os especuladores dos capitais e os contrabandistas de toda a especie.

Já se sabe que se em nove meses — o tempo suficiente para se oferecer ao respeitavel publico os genios e os imbecis — êle não tiver satisfeito estas condições basicas, retirar-se ha para lugar de menos vista. O *marrionete* o diz e eu o creio, nele confio, porque se o seu amigo o assegurou, fá-lo ha, visto ser leal como a agulha duma boa bussola.

Em pedidos não é muito exigente com os outros membros do gabinete — o Roberto — mas com o das finanças arremeça-se para o maximo.

Tambem se dirigiu a outra figura representativa e talentosa, ao ministro dos estrangeiros, dr. Julio Dantas, com o qual teve amizade, decerto nascida nos teatros de fantoches, onde toda a arte dramatica nasceu e onde o meu indisciplinado foi vulto. Di-lo da corrente reconstituente; a êle, tão suave em seus escritos, êle, o de linguagem tão mansa e dourada! Não possui decerto a energia reconstituidora; é antes um perfume, um ar errante e odorifero. Julgo que Roberto lhe exige muito, na sua reverencia de *talon rouge*, na sua venia de autentico pompadurismo. Então, o maroto, não requereu para se explicar ao país o que faz em França e quanto recebeu até hoje o senhor dr. Alonso Costa?!

E não o disse ao ouvido de madame X, não o escreveu em quadras da Severa, não se prendeu, apesar da convivencia do literato illustre com a arte de amar, cocoroquisou o seu desejo, como um bravo galo de de Apolo:

— Ó doutor! O colega!... Ó Julio... — ouça-se os termos do ousado e irrespeitoso — Veja você se averigua das obras e dos lucros do grande exilado...

Naturalmente, diante dos retratos do cardeal de Motta, de Diogo Côrte Real e de fr. Gaspar da Encarnação, no gabinete de seu ministerio, enquanto o senhor nuncio não chega, o caro Julio Dantas, julgará estar lendo uma pagina do padre José Agostinho, e, docemente, com a ponta dos dedos, suspiroso e perdoador, rasgará, devagarinho, o requerimento e dirá:

— É um doidivanas, este Roberto... Nunca ha de ser nada... E, depois, pegando na pena, começará a escrever um soneto lindo, uma obra primasinha, duma côr e dum lavrado de boa joia, afim de oferecer a Roberto, assim entretido, o ministro, enquanto o senhor nuncio não chega.

O meu singular colaborador arvora aquelas audacias e estas clarividencias. O que êle tem, segundo me aponta, é muita gente amiga nas altas regiões onde os democraticos, em breve, incursionarão.

O outro, a quem requer, espadaúdo, de rosto congestionado, ver-

vermelhusco, alentejano de têmpera torcida pela ambi o do mando. Trata-se do ministro da agricultura, capitão de mar e guerra Vasconcelos e Só, que, nesse balkanismo calheiristico, impõe a corrente do eguismo, das velhas tentativas constitucionais do tempo de Sidonio, a quem servira, todavia, como secretario de estado. Julgo que Roberto fez a sua perninha na revolu o e, ou disparasse peça ou conspirasse para a pregar,   certo que se estreitou intimidade com quem pode actualmente pôr na ordem os moageiros. Afirma o fantoche, neurosado e inquieto, que Vasconcelos e Só percebe de agricultura melhor que de colonias, pois tem propriedades no Alentejo, e na Africa s  deixou sangue. O que  le lhe enviou, foi mais um *ultimatum* do que um requerimento.

—Necessidade absoluta de pão mais barato, tipo unico, e inquerito aos lucros da moagem. Isto assim exposto, em estilo telegrafico, contem uma grande obra a realisar. O pão ao alcance do povo, o que não fará subir os salarios e tornar  mais calma a existencia, obtem-se, obrigando esses donos duma industria monopolisada a receberem o trigo que se lhes oferecer por preços mais baixos do que dizem compr -lo. Permanentemente se devem fazer sortidas em suas fabricas e escritorios, após o decreto do tipo unico, mas, em vez dos fiscais vulgares,   melhor encarregar disso cidadãos dos diversos partidos componentes das Juntas de Freguesia, incluindo os monarquicos.   primeira reluctancia,   preciso mobilisar as fabricas que já pertencem   na o.   a decima vez que Roberto expõe isto a ministros, que acabam por cair nas masseiras e saem do governo com mas bocarras atulhadas de massa. O actual, julga-se, que prefere a boa cerveja, mas   bastante honrado para a pagar do seu bolso.

Larga lista de pedidos me expõe Roberto e eu vou anotando assim, seus desejos, para gente que talvez nem tenha tempo de respirar. Por isso não quero deixar de apontar o resto, o que solicitou do titular da instru o publica.

Coronel Melo Simas, homem de sciencia, amigo de Machado Santos, com seu ar sereno, sua maneira calma, tambem sentiu o espinotear do fantoche e ouviu seus conselhos ao fundador da republica, porque, v  l  a revela o,  les eram dois sentimentais que se amavam, porque se pareciam, apesar de cada um pertencer a seu partido. Iconoclastas, demolidores, romanticos, incapazes de traficancias, apareciam lado a lado e da  a confiança que o *marionette* põe em quem ouvira as idéas do almirante. Para começar, enquanto os julga sempre periclitantes, apenas um nadinha, mas que   tarefa de homem de bem: —Mandar arrancar dos compendios da historia de Portugal destinada  s crianças, os insultos a D. Carlos e a apologia dos regicidas.

  muito?   pouco? Por agora foi o que  le traçou em seu requerimento singelissimo,

Volta-se, então, para o ministro da marinha. Trigueiro, tismado, de grandes olhos, uma das decora es do Marques do Chiado, onde se estadeia dias a fio. São dois pilares da casa aristocratica  le, e o general Vieira da Rocha. O seu republicanismo d -se bem com o frustrar das sedas, porque, embora o senhor Judice Biker —se diga republicano desde 1891, aquando da revolta do Porto, a gente tem a impressão que nunca esteve do outro lado, por sua gentileza e gentilhomeria.   um íntimo do conselheiro Bernardino Machado e   isso que, para o meu companheiro, explica a sua suavidade de trato e o seu engalochado andar. Quasi não ha que lhe requerer, porque o seu fim, e o nosso, j mais o pode levar a cabo:

restituir à marinha os barcos que os republicanos meteram no fundo e aos marinheiros o bom fundo que lhes roubaram.

Estranhei que não apresentasse seu requerimento às colonias, justiça e guerra, e o *marotete* encolheu os ombros. Nem de rosto conhecia os dois ultimos ministros; do primeiro sabia que nunca saira a barra, mas tinha fama de tão inteligente que até nem acreditava no *superavit* afonsino. Nessa conformidade, sem recomendação e sem empenhos, ficou na expectativa de que, ao menos, não deixa proclamar-se imperador o senhor Norton de Matos, e que não siga em administração do que ainda — embora por pouco tempo — é nosso, o processo do seu mestre e antigo chefe: dr. Brito Camacho, *sueltista* eximio, mas colonial de Aljustrel, onde se apanham as palustres mas onde o assucar se vende na tenda; torrão onde os leões só se estadeiam em bandeiras espanholas e os indigenas já não usam tanga. Aí fica o memorial para o loiro, miope, franzino e calvo representante do intelectualismo do Calhariz no ministerio dos Balkans.

Com o titular da justiça fica Roberto para conversar mais de espaço. Ventos transmontanos trouxeram-lhe toadas estranhas, e como não conhece a pessoa que as lufadas fustigam, aguarda de seus actos, sonhando, todavia, com o alargamento do Limoeiro para meter os açambarcantes, plutocratas e exploradores, que Cunha Leal indicar e dos quais o ministro do interior ordenará o enclausuramento. Enquanto ao assassino de Sidonio, se alguma vez tiverem audacia para contrariar os democraticos, prendendo-o, achamos as prisões pouco seguras em terra onde se arrombam todas as portas.

Trabalho e comercio, duas pastas bem entregues a dois desconhecidos: uma, a do trabalho, a Pedro; outra, a do comercio, a Pita, que, a não ser o camiseiro, não forrageou fóros na mercancia para gerir a pasta cujo titulo vem dos que nos deixaram a apitar. A do trabalho vai ser suprimida; Pedro ficará mais aliviado para se entregar ao comercio, na realidade o inimigo do trabalhador.

Em todo o caso, Roberto, apresenta-lhe um requerimento, o último: — Olho atento e mão lesta sobre os comerciantes de papel... Dos de cambios encarrega-se o Leal, dos de papel de impressão é preciso que os vigie e lhes encurte a redea, para ser boa tambem a impressão ao deixar-nos.

Ouvi as razões do fantoche dos *Fantoches*, e trasladei-as, sorrindo, pois acredito pouco nas amisades, dos homens, quando deixam de o ser para se tornarem ministros.

É que èle acredita nos ministros dos fantoches eu acredito antes no contrario.

# O novo regresso do sr. dr. Afonso Costa

Ainda podem espera-lo — O momento dele hade chegar — Um grande gesto ou a reforma — Efeitos de traumatismos — É crível que ele volte?

Não me vanglorio por ter apresentado a vinda do senhor Afonso Costa a Portugal recheada de todos os episodios que depois, realmente, se deram.

Advinheiro-os. De resto não era difficil. Basta ser um observador atento da vida portuguesa e dos seus impulsionadores para não errar.

A esta hora, no seu retiro de Paris, entregue ás suas occupaões e aos seus prazeres, recolhendo o ordenado pingue que o governo portugês continua a fornecer-lhe, ele sentirá ainda um calefrio ante a idéa que podia cá ter ficado. Quando digo «cá ter ficado», quero exprimir apenas o seguinte: ter subia ao poder, pois sei muito bem da sua inadaptação a Portugal. Claro que, servindo-se da sua habilidade, que hoje já nem mesmo deslumbra os seus maiores fanaticos, pretendeu garantir a popularidade que não possui. Tentou vê-la em acção e foi, contra todas as leis, votar numa Junta de Parochia. A isto se limitou o seu contacto com as purrias. É esta a verdade pois nem recebeu o directorio democratico.

É crível, tambem, que o homem politico não esteja perdido, mas é certo, palpavel, vem nos jornais, que mal se deu o feliz successo que acima de tudo — e nisso o honro eu, e o aplaudo — o trouxe a Portugal, logo partiu, já sem detenças nas terras de Ceia, com desejos de repouso no lar.

A sua casa, agora, é em Paris. Arranca-lo de lá é desassocega-lo; é contraria-lo. Todavia é possivel que volte, que regresse, que acabe por ir ao poder com o seu partido. O que se julgou, ha dias, como uma fantasia, não o será dentro em algum, muito pouco, tempo. Os successos que se vão desenrolar só não trarão o dr. Afonso Costa para o destino, ao qual não póde falhar, se se implantar uma dictadura da qual não participem correligionarios seus.

Aqui está, com a clarividencia de um critico que se pronunciou, de uma forma concreta e justificada pelos factos, acerca da pouca vontade do chefe democratico em formar governo. Em breve não hesitará porque perderá, totalmente, a consideração dos seus apaniguados se não estiver à sua frente. Acredito que pouco se importaria com isso se não houvesse uma razão maxima a movê-lo.

O senhor Afonso Costa, decategorizado dentro do seu partido, não representa para os negocios, interesses e aspirações monetarias que lhe estão confiadas o mesmo valor que se lhe atribue no momento presente. E isso é grave; excessivamente grave, como dizia o prudente Steinbrock.

Assim como conheço os politicos não me falta a analyse dos homens do negocio. Estes são de uma precisão extranha em suas amizades e em seus affectos. Representam os grandes termometros da nação.

Quando um homem manda, eles ajoelham. Só querem atapetar-lhe o caminho de notas do Banco que é para quando regressarem terem semeado as bastantes para colherem em decuplicado. Um exemplo bastaria mas apontarei varios.

Certo antigo poderio, alçado ás cumiadas capitalistas, costumava, numa exuberancia de affectos, saudar certo vulto democratico.

Asseverava ser capaz de se atirar ao forno para servir o amigo e e que lançaria de novo o cabaz ás costas, com o idolo dentro, se lho exigisse.

De repente trambulha a situação; appareceu Sidonio como uma esperança duradoura e o homem jámais falou de seus propositos e, mais ainda, tampouco tornou a ser expansivo com o seu antigo fetiche. Mudara. Naturalmente foi dizer o mesmo noutro logar; a outra pessoa, a novo dominante, a novo poderoso.

Um banqueiro, que seguiu o sidonismo com certo cuidado e jamais deixou de contribuir para as *Sopas dos Pobres*, enquanto durou o governo do Libertador, lisongeava tanto os amigos do presidente que chegava a atravessar as ruas para falar a individuos com os quais mal tinha relações. Comigo mesmo isto succedeu.

Caído o chefe da revolução um dos seus officiais precisou qualquer cousa do grande financeiro; topou-o na rua, começou a conversa e ele, num arrebatamento, apontando a escada profunda dum estabelecimento de credito, pediu:

— Se não se importa vamos para ali...

Já nem queria ser visto em companhia do illustre militar.

Pois bem: na hora em que o sr. Afonso Costa deixar de ter a sua influencia, o padeiro, se já o enalteceu, sumir-se-à nas sombras das suas sacas e o banqueiro recolher-se-à ao segredo dos seus cofres.

É que os triunfos da rua são a base para muita gente arranjar casa.

Dai o palpitar-me não ser esta a ultima vez que o sr. Afonso Costa virá a Portugal, senão com o intuito de formar governo, ao menos com o de fingir que toma essa attitude. Isto succederá desde que não esteja disposto a dar a sua batalha concreta a qual lhe asseguraria — como de resto a outro qualquer politico — o immediato regresso ou a conquista da popularidade. Essa batalha, como se adivinha, é a destinada ás plutocracias, mas para isso tornar-se-ia necessario a seguinte declaração:

— Eu Afonso Augusto da Costa, chefe do partido democratico, lente da Universidade de Coimbra e da de Lisboa, e advogado, declaro renunciar a todo o exercicio desta minha profissão e outrosim não interferir em negocios aos quais tenha dado meus cuidados limitando a minha acção ao professorado e não tomando de ora avante o menor interesse pela defesa dos processos instaurados a qualquer banco, companhia, etc.

Atirado ao país este projecto de vida nova, armado o seu signatario de um largo programa financeiro, atacando os males com a energia de quem os conhece, esquecendo as amizades e os interesses, poderia

ser util. Para isso seria preciso uma grande serie de sacrificios a principiar pelos mais dificeis de fazer. Á sua volta reinaria, de começo, uma desconfiança a qual acabaria na hora em que se visse o resultado dos seus actos. Ao ataque feito aos exploradores levanta-lo-fam nas braços os explorados; ao golpe certo que se deve despedir, quanto mais de pressa melhor, ergue-lo-fam como outrora quando bastava aparecer a contrariar o bom senso.

Não pode ser tolerado de outra maneira e se, realmente, o julgam capaz de ter mudado exijam-lhe que se apresente assim, dispensando-lhe, em homenagem ao gesto, o fiador.

Então, eu, que desde a primeira hora o combato, levado por um instinto, ao começo, por uma vontade de bem servir o país, depois, e actualmente com a reminiscencia do passado, que tão tormentoso tornou para mim e para os meus amigos, seria o primeiro a esperar em silencio o primeiro grito dos açambarcadores, dos moageiros, dos inimigos do povo.

Naturalmente os habituaes leitores deste panfleto sorriem e eu digo-lhes que existem casos de traumatismo que viram os homens do avesso e outro dia quando insistia no feitio eterno deste politico, esquecia-me de que tenho no meu album a fotografia da pedra sobre a qual s. ex.<sup>a</sup>, em tão má hora foi cair numa noite de panico e de acrobatismo.

## O comando da policia e ... o mêdo

Um grande temperamento de chefe — A energia e a bondade — Palavras rudes dum sentimental — Ferreira do Amaral e a disciplina — A obra de um militar

O ministerio tem uma garantia; podem falhar-lhe todas as outras mas possui absolutamente a dedicação dum homem dentro do cargo que lhe confiaram: a do major Ferreira do Amaral, novo comandante da policia.

Nesse corpo franzino, de barbaçado macilento, habitam as três grandes qualidades dum soldado: bravura, galhardia, justiça, desenvolvidas na serenidade, na chalaça tropesca, na sentimentalidade. Aquele homem, aquele militar, não esconde o seu pensamento. Ha pouco declarou não ser monarchico mas tampouco ser republicano historico pois disso se envergonharia. Quem escreveu a *Mentira da Flandres e ... o mêdo* fotografou-se. Vive nessas paginas a biografia do chefe do batalhão do 15. Alma de soldado é incapaz de a flectir, de a curvar, de lisongear. Homem de sociedade, espirituoso, critico na mesa do café, á frente dos subordinados só usa uma voz: a do comando.

Define-se, este simpatico official, em algumas anedotas. A sua folha de serviços é um estendal de louvores, de medalhas, de citações, tendo como a do Conde das Antas — o Soldadão — alguns castigos a esmalta-la ainda mais porque nasceram de generosos impetos. Jamais deixou de dizer a verdade em voz alta; numa terra em que toda a gente calça pantufas para abafar o ruido dos passos, ele tilinta esporas. Para a sua consciencia ha só um caminho: o recto; para a sua expressão militar só dois verbos: mandar e obedecer.

Jamais a mão firme dum bom chefe apalpou barro tão misturado, com seus veios de greda, como a dessa corporação que vai dirigir. Terá que abater muitos dos seus novos subordinados ao efectivo.

Em França certo cabo pimponesco, mau cumpridor, mereceu a Ferreira do Amaral a sua colera de comandante. Deliberou bani-lo da uni-

dade; expulsa-lo do convívio dos camaradas, po-lo a almargem. A primeira vez que o viu, declarou-lhe, inflexível como o destino: «tu morreste!»

E morrera para o rancho, para o *pret*, para a fileira: era um paria; um fantasma, um zero. O cabo chorava a sua sorte, andava meditativo e ele não o perdia de vista até que, numa das sortidas para a terra de ninguém, o eliminado, o defunto, o duende se aprestou em valentias e audacias caíndo logo sobre ele as graças do seu major que só lhe soube dizer: oh! maroto, vá lá que ressuscitaste! Aqui mostrou a sua admiração rude pela bravura e a sua galhardia na forma como o premiava.

Em Africa, o general Pereira d'Eça, que merecia a admiração do seu subordinado, usava, como em toda a parte, do seu modo rude. Só a presença de D. Carlos lhe apaziguava a severidade. Interrogado pelo comandante da avançada, cujo valor já se mostrara, acerca da razão de campanha a distribuir pelos soldados, respondeu sacudido, brutal e disfarçando a falta de generos num arranco cazerneiro:

— Comam cornos!

Dentro em minutos, escanchado em sua montada, apresentava-se o ousado oficial. Da sela pendia um grande e torcido chavelho de bufalo, ante o qual o general perguntou num pasmo e num berro:

— Que é aquilo?

Perfilado, em correta continencia, quasi humilde, Ferreira do Amaral, elucidou-o: a razão de campanha, meu general!

Dizê-lo e ir bater-se no mato sem recursos, apresentar-se com os seus homens nos assédios e nas sortidas, foi a sua tarefa, como a de disciplinar o 15 de infantaria e leva-lo para a guerra, sem lhe competir, e o que é mais: sem concordar com a maneira porque ela se ia fazer.

Por vezes, esse fero disciplinador, esse brioso comandante devia sentir-se deslocado, mas jamais deixou de cumprir até ao exagero, aquilo que considerava seu dever. Apontando, em dias de bom humor, o retrato do doutor Afonso Costa, colocado na hobreira da sua tenda, respondia aos soldaditos que lhe solicitavam licenças:

— Olha, pede aí ao doutor. Foi êle quem nos mandou para cá!

Poucos oficiais obteem o respeito dos seus inferiores, a amizade de seus subalternos, pelos processos que êle usa. E' incapaz duma transigencia num acto de disciplina; mesmo ao seu melhor amigo sacrificaria nestes casos, e não sendo produto da minha imaginação, tampouco personagem de romance, o militar que estou fixando, e cuja figura parece uma fantasia de escritor resáida e altiva, do Martanhista neste meio burocratico-militar do nosso tempo.

Soldado que prevarique é castigado, que se destaque é louvado, que sofra é acarinhado, porque nesse chefe — da boa raça dos chefes — está

o condutor de tropas, o justiceiro e o sentimental que depois de mandar os seus homens ao fogo antes quer ve-los feridos com honra de que salvos com receios, embora tenha que chorar, depois, á beira de seus leitos ou ajoelhar na lomba de suas sepulturas. O que ele fez diante duma injustiça praticada para com um dos seus companheiros da Flandres marca seu sentimento no campo dos premios e dos castigos.

Sob a Arcada, passava um mutilado, antigo militante de sua companhia, agora manco porque uma granada lhe levava parte do braço tendo Eduardo Pimenta essa outra singular e curiosa figura de cientista literato e soldado—feito o resto da amputação iniciada pelos explosivos germanicos. Tremula foi a continencia do estropeado ao seu antigo chefe que o medico acompanhava e vá de inquirir logo da sua vida, seus proventos e situação.

—Que não tinha nada... nem subsidio... nem estava nas folhas da guerra... Pedem-me certidões. Não as apanho mais! Mandou que o seguisse, galgou, prestes e lesto, as escadarias do ministerio e entrando com o doutor, na repartição competente apresentou a melhor certidão, que lhe era possivel: o coto do braço do desditoso, na sua manga cortada, e o medico que lhe o decepara. Ás primeiras observações a sua testa franziu-se, ás segundas fez sentir que, realmente, na cadeira duma secretaria se corria menos riscos de perder bocados do corpo do que nas trincheiras da Flandres.

E quem reparar, nessa fronte palida de barba amarelecida, nos seus olhos melancolicos, quem escutar a toada doce da sua voz e contar as medalhas—Torre Espada, Cruzes de Guerras, Valor Militar, mais de cinco ou seis,—que enchem seu magro peito, perguntará a si mesmo:

—Que terá feito aquele pelém para o forrarem de fitinhas?

Pois praticou tudo quanto um grande militar pode arvorar de bravura, de galhardia e de justiça, o official magnifico, o novo comandante de policia, que não é a primeira vez que vae comandar, em frente do inimigo, uma tropa indisciplinada.

Só é de recear que um soldado como ele aborreça depressa a chefia duma policia e que repugne ao ex-comandante do 15 ter como inimigos os grupos de 13 e seus congeneres dos 31. Mas se lhes pega com vontade pode acabar o mêdo do governo.

## O ultimo carro de Apolo

O governo anunciou que vai acabar com os automoveis officiais cuja verba orçava a mais de 1000 contos por ano, só em gasolina. O automovel era dentro do estado republicano, o transporte das cerebrações! Um ministro poderia não sentir cousa alguma dentro da cabeça mas tinha as nadegas acariciadas no coiro envernizado das almofadas dos carros do estado. Como se a inspiração de bem governar fosse insuflada em clisteres, os grandes homens sucediam-se raspando, cada vez mais, os assentos nas molesas que a realesa comprara, pagara do seu bolso e usara, mal sabendo qual o futuro reservado a seus veículos. Ha treze anos que toda a gente tem subido aqueles comodos Hudson, Citroöens, Mercedes, Renault, etc, celebrados como dispendios excessivos de quem os adquirira e satisfizera as suas importancias. Actualmente tinham-se tornado numa especie de diligencia a qual não falhara nenhum sapateiro endomingado os seus *chauffeurs*, à força de verem caras novas, tomavam os automoveis como seus e quasi exigiam gorgeta aos passageiros. Depois, à força de se roçar o almofadado, a inspiração primitiva escapava-se e já não se apanhava mais do que vaguidões do contacto dos maiores estadistas. O mal desta determinação ministerial, na qual não acreditamos, é menos acerba para os nossos dirigentes do que para as respectivas familias já tão habituadas ás velocidades que até de admirações vivem ao verem-se de chofre alçadas do *Chora* ao Berliet.

Os actuaes ministros dispensam de apanhar pelo modo antigo os elixires dos seus antecessores e é pena que sabendo tanto comecem a andar a pé. Os carros dos semideuses recolhem á *garage* até que qualquer dia voltem a aparecer de aluguer na praça ou a romperem muros, aí por essas avenidas, pois eles proprios devem ter aprendido o officio como os fura paredes que os utilisaram.

Apenas fica o carro de Apolo, não porque custe barato, mas para que não se lhe roube totalmente a confiança: o F. I. A. T.

